

A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA/INCOATIVA EM ESPANHOL COMO L1 E L2

Raquel Fellet Lawall¹

raquellawall@yahoo.com.br

RESUMO: Verbos inacusativos não formam uma classe homogênea em relação a sua configuração sintática: há verbos de mudança de estado que alternam em transitividade (*romper* ‘quebrar’), outros possuem uma contraparte supletiva para a forma transitiva (*morir-matar* ‘morrer-matar’), enquanto alguns não alternam e não possuem uma contraparte lexicalmente relacionada (*escapar* ‘escapar’) (Montrul, 1999). Maia (2010) documentou que falantes monolíngues de Português Brasileiro rejeitam construções inacusativas com o pronome reflexivo clítico ‘se’. O presente estudo investiga verbos de mudança de estado na interlíngua de aprendizes avançados de espanhol (L2) falantes nativos de Português Brasileiro (PB) e Inglês como L1. O objetivo é compreender como falantes nativos de duas línguas tipologicamente distintas julgam a aceitabilidade de sentenças com e sem o pronome clítico ‘se’. Os resultados sugerem que os falantes de PB e de inglês aprendizes de espanhol parecem ter adquirido o marcador morfológico incoativo ‘se’ nesse estágio avançado da interlíngua. Argumenta-se que a transferência parece não operar uniformemente em todos os domínios nas gramáticas de interlíngua (Schwartz and Sprouse, 1996).

PALAVRAS-CHAVE: estrutura argumental; alternância causativa; aquisição de segunda língua; tipologia linguística; transferência.

INTRODUÇÃO

Pelo menos desde a formulação inicial da Hipótese Inacusativa (Perlmutter, 1978; Burzio, 1986) os verbos intransitivos são largamente classificados em duas classes: inacusativos e inergativos. Tal distinção se fundamenta na natureza temática do argumento único que esses verbos projetam, bem como na sua posição inicial na configuração sintática (Burzio, 1986), ou ainda, pelo fato de tais verbos atuarem como especificador de alguma outra estrutura abstrata subjacente (Hale & Keyser, 2002). Assim, o argumento único de verbos inacusativos, com papel

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

temático de tema/paciente², seria gerado na posição de objeto (1a), enquanto que os verbos inergativos possuiriam um argumento único com papel temático de agente, gerado na posição de sujeito, como em (1b):

(1) a. <i>María se cayó/</i>	<i>Se cayó María</i>	inacusativo
<i>Maria REFL cair-REFL/PRET</i>	<i>Cair-PRET Maria</i>	$[\emptyset[\text{VPNP}]] \rightarrow [[\text{NPi}[\text{VP } t_i]]]$
“ <i>Maria caiu</i> ”		

b. <i>María lloró</i>	<i>de dolor.</i>	Inergativo
<i>Maria chorar-PRET</i>	<i>de dor</i>	$[\text{NP } [\text{VP } \emptyset]]$
“ <i>Maria chorou de dor.</i> ”		

(cf. Montrul, 1999:192)

Os argumentos em espanhol podem permanecer na posição de objeto, sendo o verbo marcado com o pronome clítico reflexivo ‘se’, como em (1a). Em inglês, o argumento de verbos inacusativos se move para a posição de sujeito e não há qualquer marcação morfológica (*Maria fell* “*Maria caiu*”), assim como em Português Brasileiro. Embora haja a possibilidade de o PB aceitar o sujeito na posição de objeto: *Caiu Maria*, tal ordem é menos frequente. Segundo alguns autores, como Montrul (1999), a diferença temática entre os verbos dos exemplos acima (tema/paciente em 1a e agente em 1b) determinaria seu comportamento sintático distinto. Logo, o argumento dos verbos inacusativos tende a se comportar como o objeto de um verbo transitivo.

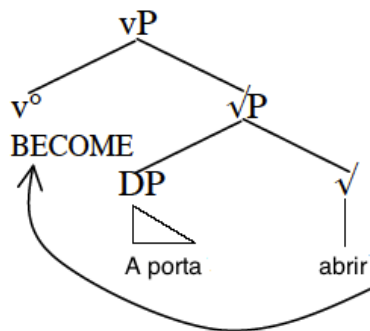
A distinção inacusativa/inergativa tem sido intensamente estudada, tanto na literatura sobre a primeira língua (L1) quanto sobre a segunda (L2), dada a complexidade do fenômeno que se articula na interface entre a sintaxe e a semântica e, de modo mais específico, no seu mapeamento da estrutura léxico-conceptual para a estrutura léxico-semântica (Hale & Keyser, 2002). O objetivo do presente artigo é o de analisar verbos inacusativos que denotam uma mudança de estado e que alternam em transitividade, como (*romper* ‘quebrar’). Tais verbos participam da chamada alternância causativa/incoativa: a forma transitiva do verbo apresenta um significado causativo lexicalmente relacionado com sua contraparte intransitiva. Há outros tipos de verbos inacusativos de mudança de estado (*morir* “morrer”), que não estão lexicalmente

² Optou-se por utilizar os rótulos clássicos de tema/paciente “como elemento que sofre a ação desencadeada pelo verbo” e agente “desencadeador de uma ação” podendo ser animado ou inanimado (Jackendoff, 1972). Sabe-se que Cançado (2005) parte de propriedades derivadas de acarretamentos lexicais para compor cada papel temático.

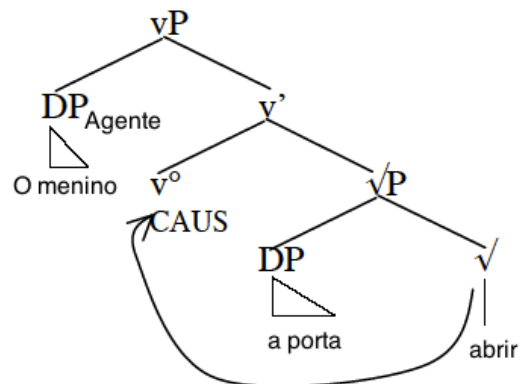
relacionados com sua contraparte causativa (*matar* “matar”). Verbos inacusativos de existência e aparição ((*des*)*aparecer* ‘(des)aparecer’) e alguns verbos de locomoção (*salir* “sair”, *entrar* “entrar”) não apresentam causativos lexicalmente realizados. Esse trabalho tem como foco verbos como ‘quebrar’. Montrul (1999) apresenta uma análise mais detalhada dos outros tipos de inacusativos.

Construções incoativas como “Esse livro vende bem” são analisadas na literatura como resultantes de movimento de um SN (Sintagma Nominal) da posição canônica de objeto para a posição de sujeito, podendo ser estruturalmente mais complexas do que suas contrapartes causativas, como em “O vendedor vende o livro”, que seria o ponto de partida da derivação (Keyser & Roeper, 1984). Observando a configuração dos verbos inacusativos, Borer (2005) propõem uma análise exoesqueletal³ para a representação da alternância causativa, na qual a estrutura funcional é independente das propriedades lexicais do verbo. Nesse contexto, a diferença entre as duas configurações seria analisada como dois tipos de *flavors* “sabores” de um *v* (vezinho), como proposto por Hale & Keyser (1993, 2002), Marantz (1997) e Harley (2006). Seguindo essa teoria, a diferença fundamental entre as construções causativas e as incoativas residiria na natureza do núcleo do vezinho (*v*) : o *v* incoativo não projetaria um argumento externo e teria o valor BECOME (tornar-se), enquanto que o *v* causativo projetaria um argumento externo, possuindo o valor de CAUSE (causar), representados na figura (1) abaixo:

a. Verbos incoativos



b. Verbos causativos



(1)

(cf. Harley, 2006:27)

³ Adota-se a ideia de que a estrutura lexical de um verbo não interfere na sua configuração sintática, mas o que determinaria a interpretação dos argumentos seriam, ao contrário, as posições sintáticas em que aqueles são realizados.

O estudo de Maia (2010), que investigou a alternância causativa em PB como L1 e L2 e em Karajá, uma língua indígena do tronco Macro-Jê, falada por 3000 pessoas no Brasil central, em uma tarefa de leitura automonitorada, mostrou, em seus resultados, a realidade psicológica da computação morfológica, i.e. do vizinho, uma vez que o Karajá apresenta morfemas que marcam a alternância causativa: em sua contraparte transitiva (pelo morfema *-i-*) e em sua versão intransitiva (pelo morfema *-a-*). Assim, o estudo demonstrou que a morfologia equipolente identifica cada uma das duas versões da alternância “Ele quebrou a flecha/A flecha quebrou em Karajá “Tii wyhy *r-i-krò-ra/ Wyhy r-a-krò-ra*”, o que facilitou o processamento das duas estruturas na tarefa de leitura automonitorada.

Contrastando com as teorias exoesqueletais, estão outras de base endoesqueletal como a de Levin e Rappaport-Hovav (1995) que propõem haver uma tendência nas línguas humanas de argumentos com certos papéis temáticos sempre ocorrerem nas mesmas posições sintáticas, indicando que as propriedades sintáticas dos verbos seriam determinadas pelo seu significado. Em verbos que alternam em transitividade há uma CAUSE implícita em sua semântica, que pode realizar-se por qualquer tipo de agente: animado, inanimado, uma força natural ou um evento. Tal relação é representada em uma configuração bi-eventiva cujo VP (*Verbal Phrase* “Sintagma Verbal”) mais alto é governado por uma CAUSE e o VP mais baixo por um BECOME. Assim como em Keyser e Roeper (1984), a forma transitiva seria mais básica, enquanto que a intransitiva se formaria por um processo de detransitivização entre o nível da estrutura léxico-relacional e o da estrutura argumental. Montrul (1999), assim como Levin e Rappaport-Hovav (1995), segue uma base teórica endoesqueletal, assumindo uma estrutura lexical de inacusativos alternantes representada em uma estrutura X-barra em que a raiz dos verbos inacusativos como *derretir* “derreter” seria gerada como o complemento de um VP (*Verbal Phrase* “Sintagma Verbal”), governado por BECOME, como em (2):

- (2) a. EL cocinero derrió la manteca.
 Cocinero- AGENTE derretir- CAUSE la manteca – TEMA

“O cozinheiro derreteu a manteiga”.

- b. La manteca se derrió.
 Manteca – TEMA se- BECOME derretir.

“A manteiga derreteu”.

Ainda seguindo Montrul (1999), a partir de um movimento de núcleo a núcleo, o verbo se moveria de BECOME para o VP CAUSE, em (2a) onde adquire suas propriedades eventivas antes de alçar-se para as categorias de Tempo e Concordância no nível da sintaxe oracional. Na forma intransitiva, em (2b), não há um agente implicado no evento e o argumento externo não se projeta. Em espanhol, a forma reflexiva incoativa “La manteca *se* derretió” é a expressão do argumento externo ausente, nos termos de Burzio (1986) e Cinque (1988). Esse marcador possui ainda uma propriedade aspectual, denotando que o sujeito foi afetado e é télico, nos termos de Nishida (1994).

Dada a configuração heterogênea dos verbos inacusativos, o aprendiz de uma segunda língua (L2) tem de descobrir quais são as restrições sintático-semânticas na alternância causativa. No caso específico desse trabalho, busca-se responder se os falantes de PB e de inglês como primeira língua, aprendizes avançados de espanhol (L2), já adquiriram o marcador incoativo “se” nesse nível de sua interlíngua. Para tanto, propõe-se um experimento de julgamento de gramaticalidade com input auditivo em espanhol, manipulando-se a presença e a ausência do marcador incoativo “se”, sendo essa última condição agramatical em espanhol.

O artigo se divide da seguinte maneira: na seção 1, apresentam-se as propriedades das causativas lexicais em Português Brasileiro, espanhol e inglês. Na seção 2, discutem-se os modelos de transferência na aquisição de segunda língua. Na seção 3, estudos sobre a aquisição de causativas lexicais são brevemente revisados. Na seção 4, reporta-se o experimento de julgamento de gramaticalidade (design experimental, hipótese, previsões, discussão). Na seção 5, apresenta-se uma alternativa para analisar os resultados. A seção 6 é dedicada à conclusão e a apontar os próximos passos desse trabalho.

1. A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA/INCOATIVA EM INGLÊS, PORTUGUÊS BRASILEIRO E ESPANHOL

A chamada alternância causativa é uma variação de verbos inacusativos, que tipicamente envolve mudança de estado, como exemplificado em (3a) e (4a) em Português Brasileiro e em inglês em (3b) e (4b):

- (3) a. O menino quebrou o copo. (transitiva/causativa)
- b. The boy broke the glass.
- c. El niño rompió el vaso.

- (4) a. O copo quebrou. (intransitiva/incoativa ou anticausativa)
b. The glass broke.

Nota-se que algumas variantes do PB⁴ e o inglês e varias outras línguas não apresentam diferenças morfológicas entre as duas formas do verbo, o que é denominado *labile* (Haspelmath, 1993). Em outras línguas, como em Português Europeu (5a) e espanhol (5b), a contraparte incoativa é marcada pelo pronome reflexivo clítico ‘se’:

- (5) a. O copo partiu-se
b. El vaso se rompió.

Observa-se que as línguas variam em como codificam a alternância causativa morfológicamente no verbo, com morfemas preenchidos ou zero, embora a composição semântica pareça ser relativamente uniforme entre as línguas, sendo a forma transitiva associada ao significado de causa (CAUSE) e a contraparte intransitiva ao de tornar-se (BECOME) (Levin and Rappaport Hovav, 1995; Montrul, 1999; Hale & Keyser, 1993, 2002; Marantz, 1997; Harley, 2006).

O fato de o PB e o inglês não apresentarem marca morfológica na forma incoativa, contrastando com o espanhol – que possui o clítico ‘se’, um marcador morfológico da forma anticausativa - motivou a realização do presente estudo. Investiga-se se há transferência da L1, sem marca, na aquisição das causativas lexicais na L2, que apresenta o pronome ‘se’, com foco nas inacusativas de mudança de estado, que apresentam alternância de causatividade. Antes de reportar o presente estudo, na próxima seção há uma breve discussão sobre os modelos de transferência na aquisição de segunda língua.

⁴ Ribeiro (2010) em seu trabalho “A ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL: A DISTRIBUIÇÃO DO CLÍTICO SE” demonstra que determinadas características semânticas dos verbos alternantes definem a necessidade ou não de utilização do se na forma incoativa destes verbos. Mais especificamente, com base no trabalho de Souza (1999), adotam a hipótese de que a principal função do clítico se nas incoativas é evitar a ambiguidade entre as diáteses do verbo, indicando que o argumento na forma intransitiva é o afetado no evento. Vale dizer, que os dados dos falantes de PB (L1) reportados no presente trabalho, foram coletados em Minas Gerais, Estado que mostra uma alta incidência de perda generalizada do uso do clítico se incoativo, assim como outros usos do se. Ver D’Albuquerque (1982, 1984) para uma comparação entre o PB padrão e os dialetos de Minas Gerais em relação à perda dos clíticos reflexivos, bem como Ribeiro (2010) que também demonstra o fato através de um experimento.

2. MODELOS DE TRANSFERÊNCIA NA AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Desde o reconhecimento no final dos anos de 1960 início de 1970 que a língua dos aprendizes de uma L2 é sistemática, ou seja, desde a formulação do conceito de interlíngua (Selinker, 1972) vários pesquisadores passaram a considerar a gramática de um falante de uma L2 como um sistema de representação mental, idiossincrático e individual que pode ser descrito em termos de princípios e regras linguísticas.

Um dos focos principais do estudo de aquisição de segunda língua, sob uma perspectiva de uma gramática gerativa, é buscar compreender a competência linguística dos aprendizes de uma L2. Tal preocupação foi motivada principalmente pela introdução da Teoria de Princípios e Parâmetros da década de 1980 (Chomsky, 1981), que conseguiu acomodar a variação entre línguas, pela adoção do conceito de parâmetro. Os pesquisadores viram-se preocupados em buscar compreender os princípios universais que regiam a interlíngua e qual seria o papel da transferência linguística nesse processo, i.e., se os parâmetros linguísticos poderiam ou não ser reajustados para acomodar os dados da L2 (cf. White, 2000).

Mais precisamente na década de 1990, a pesquisa em aquisição de segunda língua focou-se na natureza do desenvolvimento das interlínguas (seja no estágio inicial, de desenvolvimento, ou na estabilização de todo o processo). Os participantes reportados nesse estudo são aprendizes avançados de espanhol, portanto se pressupõe que apresentam uma interlíngua mais estável (Sorace, 2003). Porém, uma pergunta pertinente é saber se, nesse estágio da interlíngua, transferem ou não padrões da L1 para a L2. Os parágrafos que seguem revisam alguns modelos teóricos que fizeram parte do debate dos anos 1990 sobre qual é o papel da L1 na gramáticas de L2 e sobre a possibilidade de acesso direto ou não a princípios da gramática universal nesse processo de construção da interlíngua. Por se preocuparem principalmente com essas questões de transferência e de acesso, tais teorias geralmente apresentam resultados experimentais de estágios iniciais do desenvolvimento linguístico da L2.

Um fenômeno característico no processo de aquisição de segunda língua é a transferência. De acordo com Odlin (1989) a transferência é a influência resultante das similaridades e diferenças presentes entre a língua alvo e outra língua, que tenha sido previamente, e talvez imperfeitamente, adquirida. Tal afirmação sugere que a primeira língua influencia a interlíngua de um aprendiz de uma L2. A literatura em aquisição de segunda língua (ASL) mostra um

extensivo debate sobre qual é considerado o estágio inicial de aquisição de uma L2 – com transferência ou não da gramática da L1 - e se haveria ou não acesso a princípios da gramática universal nesse processo. Algumas teorias pressupõe um acesso total aos princípios da Gramática Universal (GU). Dentre elas, a Teoria de Transferência e Acesso Total (*Full Transfer/Full Access Hypothesis*, Schwartz & Sprouse, 1994,1996) afirma que a gramática completa da L1 constitui o estado inicial da gramática da L2. Nesse contexto, quando a gramática da L1 se mostra inadequada para acomodar o *input* da L2, no processo de desenvolvimento da interlíngua, ocorre uma reestruturação dessa, seguindo princípios da GU, daí a noção de acesso total. O estágio estável da interlíngua é diferente do da língua alvo, pois algumas propriedades da L1 do falante vão sempre o afetar a notar propriedades da L2, levando à fossilização em alguns domínios linguísticos e a uma interlíngua sempre distinta da língua alvo. Se a FT/FA adota uma visão forte de transferência, a Hipótese das Árvores Mínimas (*The Minimal Trees Hypothesis*; Vanikka & Young-Sholten, 1994,1996), afirma que há transferência parcial da L1 para a L2 no estágio inicial de aquisição, com apenas as categorias lexicais da L1 presentes. As projeções funcionais não estão disponíveis no estágio inicial da L2, apenas uma estrutura mínima “Minimal Trees”. Assim, os aprendizes de uma L2 transferem apenas uma projeção lexical VP de sua L1. No estágio de desenvolvimento, o núcleo do VP é modificado se não corresponde ao da L1 do aprendiz, sendo que as projeções funcionais emergem gradualmente, independente da L1, a partir de um acesso total aos princípios da GU. Já o estágio final da interlíngua, em princípio, poderia coincidir com o da L1. Outra teoria denominada por White (2000) de “No Transfer/Full Access” de Epstein, Flynn e Martohardjono (1996) assume que a gramática da L2 é adquirida com acesso total aos princípios da GU, sem passar pela L1. O estágio de desenvolvimento corresponde ao de fixação dos parâmetros da L2, via GU diretamente. E o estágio final pode coincidir com o da língua alvo, já que todo o processo ocorre via GU, como na aquisição de uma L1 antes do chamado Período Crítico, por volta dos 12 anos de idade.

Se as teorias descritas acima pressupunham um acesso total aos princípios da GU, diferindo principalmente em relação à transferência dos padrões da L1 (total – FT/FA; parcial – Hipóteses das Árvores Mínimas; ausente - NT/FA) a *Weak Transfer* de Eubank (1994,1996) considera uma transferência e um acesso a GU mais limitados: as projeções lexicais e as funcionais são transferidas, bem como o núcleo e a direcionalidade de tais projeções, porém, os valores de traços morfológicamente orientados, como a força de concordância e de flexão não

sofrem transferência no curso da interlíngua, permanecendo sempre sem especificidade. O estágio final difere da L2, já que o aprendiz não consegue fixar, ou refixar parâmetros pertinentes à L2, apresentando uma interlíngua estável diferente da língua alvo. Estendendo a terminologia adotada por Schwartz e Sprouse (1996), White (2000) comenta sobre o modelo de Transferência Total e de Acesso Parcial: a gramática da L1 constitui a representação da L2 do aprendiz, sendo que as propriedades da GU não presentes na língua alvo, não estão disponíveis para aquisição nas gramáticas de interlíngua. No curso do desenvolvimento das gramáticas de L2, não haveria novas fixações de parâmetros (Clahsen e Hong, 1995), ou novas especificações paramétricas (Hawkins e Chan, 1997). O estágio estável da interlíngua se mostraria distinto da gramática de um falante nativo.

Como o PB e o inglês apresentam uma regra de não marcação da contraparte inacusativa, com um morfema zero, e o espanhol possui o marcador incoativo ‘se’, o presente estudo busca verificar se, no estágio estável da interlíngua desses falantes, há transferência dos padrões da L1 para a L2. Se houver reanálise da interlíngua esses falantes vão se comportar de maneira similar ao grupo controle de espanhol como L1, não demonstrando transferência de padrões da não marcação morfológica da sua L1. Nesse sentido, eles mostrariam resultados distintos aos encontrados por Montrul (1999) e Cabrera & Zubizarreta (2003), que evidenciaram transferência dos padrões de não marcação do inglês na interlíngua do espanhol (L2), com falantes em estágio inicial e intermediário de aquisição da L2.

3. A AQUISIÇÃO DE CAUSATIVAS LEXICAIS EM SEGUNDA LÍNGUA

Alguns estudos recentes sobre a generalização (overgeneralization) de causativas na aquisição de espanhol L2 por falantes adultos de inglês (Montrul, 1999, 2001; Cabrera & Zubizarreta 2003) foram realizados no campo de aquisição de segunda língua. Montrul (1997, 1999) demonstrou a partir de um estudo experimental com três línguas como L2 – espanhol, inglês e turco – generalizam inacusativos e inergativos que participam da alternância causativa/incoativa. Os aprendizes de L2 se mostraram ineficazes na distinção entre cada classe de verbos. A autora concluiu que tal fenômeno não seria atribuído à transferência de uma L1, mas ocorreria por uma ausência de traços léxico-semânticos específicos que determinariam que os

verbos possam alternar em transitividade. Mais ainda, ela afirma que a ausência de conhecimento lexical faria com que os aprendizes recorram a um esquema léxico-semântico *default*, que não levaria em consideração o tipo de verbo. Em outro estudo, Montrul (2001) investiga a aquisição de causativos lexicais de verbos inergativos de modo de movimento (marchar, correr, etc.), em aprendizes intermediários de inglês como L2 (falantes de espanhol L1) e de espanhol como L2 (inglês L1), já que as duas línguas apresentam diferenças na configuração de tais verbos. Em inglês, verbos como “marchar” aceitam um sintagma preposicional de “direção” como seu complemento, como em “The soldiers marched to the camp” (‘Os soldados marcharam para o acampamento’). Já em espanhol, a sentença anterior é agramatical “*Los soldados marcharon al campamento”, pois verbos de modo de movimento não aceitam um SP de direção como complemento. Os resultados de Montrul mostraram efeitos de transferência entre os aprendizes de espanhol e inglês (L2): os falantes de inglês (L1) generalizam causativos com verbos inergativos de modo de movimento, i.e., aceitam SPs de direção com verbos desse tipo em espanhol, enquanto que os falantes de espanhol (L1) não generalizam causativos com essa classe de verbos. Montrul concluiu que a transferência de L1 se aplica a classes específicas de verbos.

Cabreba e Zubizarreta (2003) também investigaram a habilidade de falantes de inglês (L1) aprendizes de espanhol (L2) em discernir entre inergativos/inacusativos não alternantes. As autoras encontraram uma maior generalização de causativas com inacusativos, na interlíngua de falantes intermediários de espanhol (L2), do que com inergativos. Nota-se que os resultados de Montrul (1997,1999) e os de Cabrera e Zubizarreta (2003) convergem para o fenômeno da transferência. A aparente generalização das causativas em falantes adultos de inglês aprendizes de espanhol deve ser comparada a dados de falantes avançados. Esse é um dos objetivos do presente estudo. Assumindo-se que os aprendizes avançados foram expostos a uma maior quantidade de input da L2 e, conseqüentemente, adquiriram aspectos de significado verbal, eles deveriam cessar a generalização das causativas. Observar se é esse o caso é um dos objetivos do estudo psicolinguístico que será reportado na próxima seção.

No caso do português brasileiro, Maia (2010) demonstrou que falantes monolíngues de PB rejeitam sentenças incoativas com pronome reflexivo “se”, uma construção que está em desuso, em alguns dialetos do Brasil. Em outro estudo comparando-se resultados de um julgamento de gramaticalidade, manipulando-se a presença e a ausência da marcação morfológica, Maia, Costa & Santos (2011) demonstraram uma diferença no julgamento de

falantes de Português Europeu, com uma preferência por sentenças incoativas com o pronome clítico “se”, e de PB, com uma preferência das sentenças incoativas sem marca morfológica. Observando-se o processamento *on-line* da alternância causativa em falantes bilíngues de PB (L2) e Karajá⁵ (L1) – língua que apresenta morfemas distintos que marcam as causativas e as incoativas – Maia (2010) realizou três experimentos de leitura automonitorada: o primeiro com um grupo de falantes monolíngues de PB (para verificar o padrão de respostas dos falantes dessa língua), o segundo com os falantes de Karajá testados na língua Karajá e o terceiro com os falantes de Karajá testados em PB. O autor encontrou resultados que sustentam a realidade psicológica da morfologia computacional – os falantes de Karajá não apresentaram diferenças no tempo de leitura de frases causativas/incoativas, quando testados em sua L1, no experimento 2 -, bem como sugerem que a facilitação morfológica não é transferida da L1 para a L2, pois, quando testados em PB, os falantes de Karajá apresentaram resultados similares aos do grupo controle de PB (L1), com maior tempo de leitura para sentenças incoativas.

Na literatura de processamento de primeira língua Di Sciullo et al (2007) reportam experimentos de gramaticalidade com construções mediais em inglês, como “Esse livro vende bem” que parecem apontar para um correlato de processamento de complexidade estrutural da voz media, evidenciada no maior tempo para o julgamento de aceitabilidade, bem como nos índices de rejeição dessas construções comparadas às transitivas, animadas ou inanimadas. Friedman et al (2008), utilizando a técnica de *Priming Cross Modal*, mostram que sujeitos de verbos inacusativos são reativados após o verbo, enquanto que sujeitos de verbos inergativos não se comportam da mesma maneira; verbos que alternam em transitividade mostraram um padrão híbrido de ativação. Maia et al. (2009), usando julgamentos imediatos de aceitabilidade estudou o processamento da alternância causativa em PB e duas línguas amazônicas distintas: Karajá e Xavante. Os resultados do PB indicaram que as construções mediais são significativamente mais rejeitadas que ambas construções transitivas. Em Xavante, as mediais são mais rejeitadas que transitivas com sujeito animado. Porém, em Karajá, língua que marca morfológicamente a voz media no verbo, nenhuma diferença nos tempos de reação e nos índices de rejeição foi encontrada.

Na próxima seção, reportam-se os resultados do julgamento de gramaticalidade entre falantes de PB e de inglês (L1) aprendizes avançados de espanhol (L2). Busca-se responder às

⁵ Língua indígena Macro-Je falada por aproximadamente 3000 pessoas na região central do Brasil.

seguintes perguntas: os aprendizes avançados de espanhol falantes de PB e de inglês adquiriram a marca pronominal incoativa ‘se’ nesse nível da interlíngua? A tipologia distinta entre PB e espanhol e inglês acarretará em diferenças no julgamento de gramaticalidade das sentenças que participam da alternância causativa/incoativa?

4. EXPERIMENTO DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE

Na presente seção, reporta-se um teste de julgamento de gramaticalidade com input auditivo em espanhol. Esse experimento tem como objetivo investigar como falantes adultos bilíngues de duas línguas tipologicamente distintas entre si, PB e inglês (L1), julgam em espanhol, a aceitabilidade de construções transitivas e incoativas, manipulando-se a presença e a ausência do marcador morfológico incoativo “se”.

4.1 MÉTODO

4.1.1 PARTICIPANTES

Três grupos participaram desse experimento: 16 falantes nativos de português brasileiro, aprendizes avançados de espanhol; 16 falantes nativos de inglês, aprendizes avançados de espanhol; 16 falantes nativos de espanhol, que formaram o grupo controle.

O grupo de 16 falantes de PB foi composto de alunos graduados do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), de ambos os sexos, com um nível avançado de espanhol (L2). Todos ensinavam espanhol nessa Universidade e tinham uma idade média de 27 anos.

O grupo de 16 falantes nativos de inglês foi composto por estudantes de vários cursos da Universidade de Massachusetts (Estados Unidos), de ambos os sexos, com idade média de 24 anos, com um nível avançado de espanhol (L2). A maioria (10 participantes) trabalhava como professor de espanhol nessa Universidade e os outros (6 participantes) eram estudantes de graduação que haviam estudado espanhol por mais de 10 anos.

O grupo controle foi formado por 16 falantes nativos de espanhol vindos de diferentes países (Argentina, Chile, Colômbia, Espanha) estudantes de diversos cursos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil).

Todos os sujeitos experimentais do grupo de falantes de PB e de inglês são adultos bilíngues sequenciais nos termos de Montrul (2008), isto é, haviam adquirido a segunda língua (espanhol) depois do chamado Período Crítico, por volta dos 12 anos de idade.

4.1.2 MATERIAIS

O experimento apresentou quatro condições: IN – sentença incoativa sem o clítico “se”, agramatical em espanhol; SE – sentença incoativa com o pronome “se”; TA – sentença transitiva com sujeito animado; TI – sentença transitiva com sujeito inanimado. A condição TI serviu para controlar um efeito de tipicidade da posição de sujeito, tipicamente agentivo. Todas as 16 sentenças nas quatro condições foram randomizadas com outras 16 sentenças distratoras e distribuídas em um Quadrado Latino. Na tabela 1, ilustra-se um conjunto de condições experimentais. As sentenças do experimento estão no apêndice 1.

Condição	Exemplo
IN (incoativa sem ‘se’)	La flecha rompió. (A flecha quebrou.)
SE (incoativa com ‘se’)	La flecha se rompió. (A flecha se quebrou.)
TA (transitiva animada)	El chico rompió la flecha. (O menino quebrou a flecha.)
TI (transitiva inanimada)	La piedra rompió la flecha. (A pedra quebrou a flecha.)

Tabela 1: Exemplo das sentenças do experimento.

4.1.3 PROCEDIMENTOS

Os participantes foram individualmente testados usando-se um computador Apple por meio do programa *PsyScope* (cf. Cohen et alii, 1993) para coletar os índices de

aceitabilidade/rejeição das condições testadas. Ao pressionar uma tecla, os sujeitos escutavam uma frase lida por uma falante nativa de espanhol e logo depois tinham que decidir se a frase ouvida era bem ou mal formada segundo os padrões do espanhol. Se a avaliassem como bem formada deveriam apertar uma tecla verde e se achassem que a sentença era mal formada deveriam apertar uma tecla vermelha no computador.

4.1.4 PREVISÕES

O experimento apresenta as seguintes previsões:

1. Para o grupo controle (espanhol L1), espera-se grande aceitação da condição com o pronome SE e grande rejeição das sentenças sem marca morfológica – condição IN -, já que essas sentenças são agramaticais em espanhol.

2. Para os grupos de falantes de PB e de inglês (L1) aprendizes avançados de espanhol (L2), espera-se rejeição da condição SE e aceitação da condição IN, sem marca morfológica – ao contrario do grupo controle -, se os falantes transferirem padrões de sua L1 no julgamento das sentenças. Porém, se houver reestruturação de sua interlíngua nesse estágio, em que já foram expostos a uma maior quantidade de input da L2, apresentarão resultados similares aos do grupo controle: com aceitação da condição SE e rejeição da condição IN.

4.1.5 RESULTADOS

O gráfico 1 mostra os índices de aceitação da condição SE, respostas sim, e de rejeição da condição IN, respostas não (julgamento como agramatical), pelos três grupos:

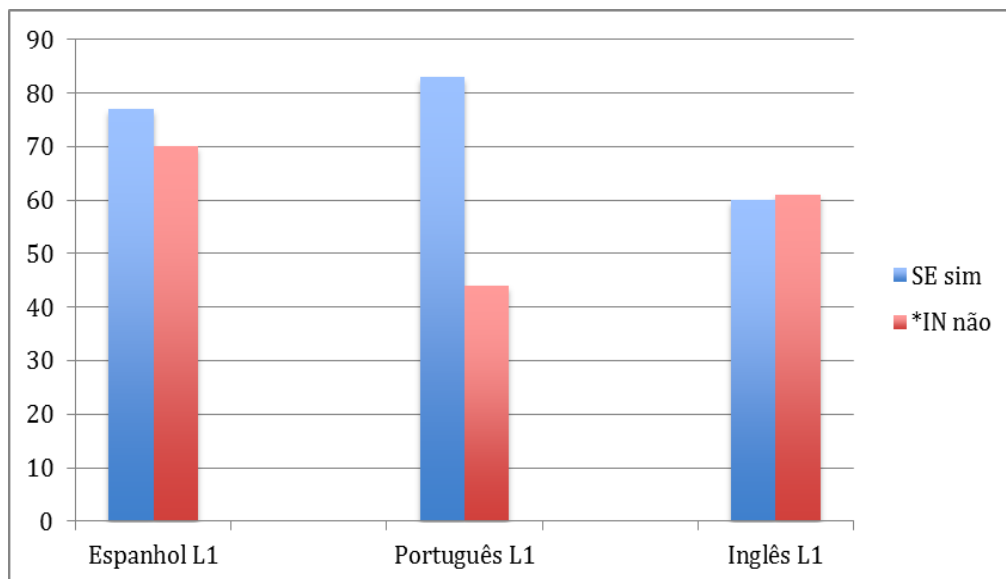


Gráfico 1: Índices de aceitação da condição SE e de rejeição da condição IN

Condição	Espanhol L1	Português L1	Inglês L1
SE sim	77	83	60
*IN não	70	44	61

Tabela 2: Índices de aceitação da condição SE e de rejeição da condição IN

O *Test-t* do grupo de falantes nativos de espanhol (L1) mostrou um índice não significativo estatisticamente na aceitação das sentenças com pronome SE (SE respostas sim) em relação à rejeição das sentenças incoativas sem marca pronominal - IN julgamento agramatical -, ($p=0.49$ e $t= 0.1668$).

No grupo de falantes de português (L1) aprendizes de espanhol (L2), o cruzamento da condição SE (respostas sim) com a condição *IN (respostas não) mostrou-se altamente significativa ($p= 0.0002$ e $t=4.2501$).

No grupo de falantes de inglês, o cruzamento SE sim X *IN não também não foi estatisticamente relevante ($p= 0.8686$ e $t = 0.1668$).

4.1.6 DISCUSSÃO

Houve um alto índice de aceitação das sentenças transitivas animadas (condição TA) pelos três grupos: PB com 87%, inglês com 77% e o grupo controle de espanhol com 88%. O

mesmo parece ocorrer com as sentenças na condição com sujeito inanimado (TI) com aceitação de: 77% pelos falantes de PB, 63% pelos falantes de inglês e 70% pelos falantes de espanhol. Os três grupos se mostraram um pouco menos precisos no julgamento dessas três condições em comparação com a de sujeito animado.

Analisando as condições SE e *IN, mostradas na tabela da seção anterior, os resultados do experimento confirmaram as previsões para os falantes de espanhol: houve uma aceitação de 77% da condição com o pronome SE, e uma rejeição de 70% da condição *IN, como esperado. O fato de não haver diferença significativa no cruzamento das duas condições, como mostrado na seção anterior, adequa-se às nossas previsões, sugerindo que os falantes de espanhol são consistentes no julgamento de sentenças com ou sem marca morfológica, ou seja, utilizam uma mesma regra de sua língua para julgar como corretas sentenças com o pronome ‘se’ e incorretas sentenças sem marca morfológica.

O mesmo padrão consistente de julgamento do grupo de espanhol (L1) parece aplicado pelos falantes de inglês (L1), dada a não significância estatística dos resultados desse grupo: houve uma aceitação de 60% da condição com o pronome SE, e uma rejeição de 61% da condição *IN, mesmo com menor precisão que os falantes nativos de espanhol, em 17% a menos para aceitar a condição SE e 9% a menos para recusar a condição *IN, o que pode indicar a tendência a uma maior opcionalidade em sua interlíngua, fato característico das gramáticas de L2, mesmo em um estágio mais estável (Sorace, 2003). Isso sugere que esses aprendizes de L2 parecem apresentar maior precisão. Isso sugere que esses aprendizes de L2 parecem utilizar apenas a regra do espanhol de marcação das sentenças incoativas, ou seja, seu uso se mostra consistente em sua interlíngua, não demonstrando transferência e não utilizando o padrão de não marcação do inglês.

O grupo de falantes nativos de português brasileiro aprendizes avançados de espanhol (L2) apresentaram um resultado inconsistente, mostrado no altíssimo índice de rejeição das duas condições analisadas: aceitam 83% das sentenças incoativas com o pronome SE, com uma precisão até maior que a dos falantes nativos de espanhol, que as julgaram corretas 77% das vezes. Porém, parecem ter dificuldade em rejeitar sentenças na condição *IN, 44% das vezes. Isso sugere que eles parecem ter reestruturado sua interlíngua, utilizando a regra do espanhol para julgar como gramaticais sentenças com o pronome ‘se’, mas, ao mesmo tempo, parecem transferir a regra de não marcação de seu dialeto do PB, por aceitarem 66% das sentenças na condição *IN, considerada agramatical pelos falantes nativos de espanhol. Os resultados desse

grupo leva a pensar nas seguintes questões: por que os falantes de PB utilizariam duas regras concomitantes aceitando as sentenças incoativas com e sem a marca morfológica ‘se’ na sua interlíngua do espanhol? Mais ainda, por que esse grupo se mostra diferente no julgamento de gramaticalidade em relação ao grupo de falantes de inglês, se ambas as línguas apresentam a mesma regra de não marcação das sentenças incoativas?

Na próxima seção é apresentada uma alternativa de análise que parece responder essas duas perguntas.

5. UMA ALTERNATIVA DE ANÁLISE: A TEORIA DE GRAMÁTICAS MÚLTIPLAS

Para tentar responder às perguntas da seção anterior e tentar acomodar os dados do presente artigo, explora-se uma nova alternativa para lidar com a representação da interlíngua dos falantes de uma L2: a Teoria de Gramáticas Múltiplas (Roeper e Amaral, em progresso). Formulada por Roeper (1999) sob o rótulo de bilinguismo universal, tal teoria foi concebida para explicar o curso de aquisição de uma primeira língua, vista pelo autor como uma forma estreita de bilinguismo. O fato de que crianças utilizam formas conflitantes e incompatíveis no curso de seu desenvolvimento linguístico pode ser explicado partindo-se da ideia de que elas detêm gramáticas múltiplas e parciais em sua representação mental, para uma única língua. O autor cita o erro de desenvolvimento comum em crianças aprendendo o inglês, reportado no exemplo (6), para mostrar a viabilidade de se considerar mais de uma gramática presente na mente da criança:

6. a. *Me want.

b. I want.

A forma (6a) é agramatical em inglês porque o pronome “me” não pode ocupar a posição de sujeito, pois se apresenta no caso acusativo, sendo a forma nominativa adequada “I” presente em (6b). O mais curioso é que a criança não recebe um estímulo como (6a) na fala dos adultos – é uma evidência negativa -, e mesmo assim o utiliza. Assim, só seria possível explicá-lo considerando que a criança possui uma gramática *default* mais econômica e outras que vão se especializando no percurso da aquisição de uma língua nativa. A adaptação dessa teoria para a aquisição de uma segunda língua (Roeper e Amaral, em progresso) leva em conta a questão da

opcionalidade nas gramáticas de uma L2, casos em que a interlíngua parece utilizar regras da L1, porém, não em todos os contextos.

Uma ideia importante dessa teoria é a de reestruturação da interlíngua, isto é, o falante vai, no curso do desenvolvimento linguístico, incorporando novas regras da língua alvo em sua gramática de L2. Nota-se que essa teoria desconsidera a ideia de refixação de parâmetros, já que o que há na verdade são várias gramáticas de interlíngua mentalmente representadas. O que ocorre é um processo de inclusão de regras, e em um estágio mais avançado de desenvolvimento, o aprendiz da L2 vai sendo capaz de bloquear regras conflitantes da sua L1. Essa afirmação parece explicar os resultados encontrados dos falantes de inglês (L1), que estariam passando por um estágio de reestruturação da interlíngua, para acomodar os dados da língua alvo. Assim, não são tão precisos em aceitar sentenças com o pronome ‘se e de rejeitar sentenças sem marca morfológica, como o fazem os falantes de espanhol.

Outro ponto central da teoria em que se podem encontrar evidências para a adoção da ideia de Gramáticas Múltiplas é através da tipologia linguística. Quanto mais próximas forem as línguas tipologicamente, mais difícil será para bloquear regras conflitantes e reestruturar a interlíngua. Esse argumento parece pertinente para explicar os dados encontrados no presente artigo, em relação ao grupo de falantes de PB. Visto que português e espanhol são duas línguas românicas, o falante de PB, aprendiz de espanhol (L2), parece estar em processo de reestruturação da sua interlíngua, por aceitar a regra do espanhol de marcação morfológica das sentenças incoativas, porém, parece mostrar dificuldade em bloquear a regra de não marcação do português na hora de rejeitar sentenças sem o marcador incoativo, agramaticais no espanhol. Por serem duas línguas muito próximas, os aprendizes de L2 mesmo nesse estágio estável da interlíngua parecem ter dificuldade de bloquear o acesso a regra conflitante do português no momento de interpretar na língua alvo, justamente por conta de uma aproximação tipológica.

6. CONCLUSÃO E PRÓXIMOS PASSOS

Esse trabalho apresentou evidência experimental em relação à aceitabilidade de estruturas transitivas/incoativas na interlíngua de falantes do português brasileiro como (L1) e de inglês (L1) aprendizes de espanhol (L2).

No presente estudo, demonstrou-se que os aprendizes de espanhol falantes de PB aceitam as sentenças com o marcador incoativo “se”, convergindo com o padrão do espanhol, porém, apresentam uma maior dificuldade em rejeitar as sentenças sem o marcador, convergindo com o padrão de sua própria língua. Com os falantes de inglês (L1) ocorre o inverso: eles rejeitam o padrão de sua própria língua, de forma mais precisa como os falantes de espanhol L1, considerando agramaticais sentenças sem o clítico ‘se’. A diferença nos resultados pode ser atribuída à tipologia distinta entre inglês e PB e o espanhol. Por outro lado, a tipologia similar entre as duas línguas românicas funcionaria como um elemento dificultador no bloqueio da gramática conflitante da L1, que, no caso do dialeto mineiro, utiliza a regra de não marcação morfológica da sentença causativa. O que parece ocorrer no caso da interlíngua do espanhol desses falantes de PB, é a presença de gramáticas separadas das duas línguas. Assim, o aprendiz é capaz de acessar a gramática do espanhol para julgar corretamente a gramaticalidade de sentenças com o pronome incoativo ‘se’, porém, é incapaz de inibir a presença da gramática de sua L1, ao julgar as sentenças sem marca como corretas. Esse fato corrobora a ideia central da Teoria de Gramáticas Múltiplas de reestruturação da interlíngua e da tipologia linguística como cruciais na aquisição de uma L2.

Visto que a Teoria de Gramáticas Múltiplas parece acomodar os dados encontrados nesse artigo, mais estudos têm de ser realizados, para compreender como os falantes de L2 representam essa informação em sua mente bilíngue. Um próximo passo é realizar experimentos que visem a acessar o que o falante de fato compreende das sentenças que julga como agramaticais, e porque as julga como tal. Outra questão importante é ver qual é o papel do processamento linguístico nesse caso, como os falantes acessam duas regras distintas em sua mente bilíngue, ou como fazem para bloquear o uso de uma regra conflitante no julgamento de sentenças da língua alvo. Deve-se também replicar esse experimento em outras regiões do Brasil, que utilizam produtivamente o pronome incoativo “se”, para verificar se haveria diferença no padrão de julgamento de aprendizes de espanhol (L2) de outras variantes do PB, em relação ao do grupo reportado nesse experimento.

Assim, novos experimentos devem ser realizados para tentar lidar com essas questões e para tentar explicar melhor a teoria aqui apresentada, aprofundando a hipótese de análise empreendida neste trabalho, a partir de novas evidências experimentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORER, Hagit. *The normal course of events*. NY: Oxford University Press, 2005.
2. BURZIO, Luigi. *Italian syntax: A Government-Binding approach*, Kluwer, Dordrecht, 1986.
3. CABRERA, Monica; ZUBIZARRETA, Maria Luisa. On the acquisition of Spanish causative structures by L1 speakers of English. *Proceedings of the 2002 Generative Approaches to Second Language Acquisition (GASLA 6): L2 Links*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003.
4. CANÇADO, Marcia. Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. DELTA. V. 21.1, p.23-56, 2005.
5. CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*, Foris, Dordrecht, 1981.
6. CINQUE, Guglielmo. On Si Constructions and the Theory of Arb. *Linguistic Inquiry* 19, 521-581, 1988.
7. CLAHSEN, Harald; HONG, Upyong . Agreement and null subjects in German L2 development: new evidence from reaction-time experiments. *Second Language Research* 11, 57-87, 1995.
8. COHEN, Jonathan; MACWHINNEY, Brian; FLATT, Matthew; PROVOST, Jefferson. Psycope: A new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments, and Computers*. 25(2), 257-271, 1993.
9. D'ALBUQUERQUE, Alair C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tese de Doutorado*, UFRJ, 1982.
10. D'ALBUQUERQUE, Alair C. R. C. A perda dos clíticos num dialetomineiro. *Tempo Brasileiro*, 78/79, 97-121, 1984.
11. DI SCIULLO, Anna-Maria; G. DE ALMEIDA, Roberto; MANOUILIDOU, Christina; D. DWIVEDI, Veena. This poster reads clearly: Processing English middle constructions. *AMLAP conference*, Finland., 2007.
12. EPSTEIN, Samuel; FLYNN, Suzanne; MARTOHARDJONO, Gita. Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Brain and Behavioral Sciences* 19: 677-758, 1996.

13. EUBANK, Lynn. On the transfer of parametric values in L2 development. *Language Acquisition* 3,183-208, 1993/94.
14. FRIEDMANN, Namma.; TARANTO, Gina; SHAPIRO, Lewis; SWINNEY, David. The Leaf Fell (the Leaf): The Online Processing of Unaccusatives, *Linguistic Inquiry*, 39, (3), 355-377, 2008.
15. HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. in Hale, K. & S.J. Keyser (eds.) *The view from building 20*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
16. HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomena to a theory of argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.
17. HARLEY, Heidi. On the causative construction. *Handbook of Japanese Linguistics*, edited by Shigeru Miyagawa and Mamoru Saito. Oxford: OUP, 2006.
18. HASPELMATH, Martin. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In B Comrie and M. Polinsky (eds) *Causatives and Transitivity* (pp. 87-111). Amsterdam: John Benjamins, 1993.
19. HAWKINS, Roger; CHAN, Cecelia Yuet-hung. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The ‘failed functional features hypothesis.’ *Second Language Research* 13: 187-226, 1997.
20. JACKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.
21. KEYSER, Suzanne; ROEPER, Thomas. On the middle and ergative constructions in English. *LI*,15: 381-416, 1984.
22. LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge Mass: The MIT PRESS, 1995.
23. MAIA, Marcus; OLIVEIRA, R.; SANTOS, Sabrina. This poster would read more clearly in Karajá than in Xavante, Brazilian Portuguese (or English): A crosslinguistic study on the acceptability of middle constructions. *Poster apresentado durante a 22nd CUNY Human Sentence Processing Conference, UC Davis, 2009*.
24. MAIA, Marcus. *Aceitabilidade de estruturas incoativas marcadas e não marcadas em português brasileiro*. XXV Encontro Nacional da Anpoll, UFMG, 2010.

25. MAIA, Marcus. The processing of causative alternation structures by Karaja/Portuguese bilinguals. In: A. França & M. Maia. *Papers in Psycholinguistics*. Rio de Janeiro: Ed. Imprinta, 219-233, 2010.
26. MAIA, Marcus; COSTA, Armanda; SANTOS, Sabrina. Processing the causative alternation in European and Brazilian Portuguese. *10th International Symposium of Psycholinguistics* Donostia-San Sebastian . Spain, 2011.
27. MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try a morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: A.Dimitriadis, L. Siegel, et al., eds. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, p. 201-225, 1997.
28. MONTRUL, Silvina. *Transitivity alternations in second language acquisition: A cross-linguistic study of English, Spanish and Turkish*. Ph.D. dissertation, McGill University, 1997.
29. MONTRUL, Silvina. Causative Errors with Unaccusative Verbs in L2 Spanish. *Second Language Research* 15, 2, 191-219, 1999.
30. MONTRUL, Silvina. Causatives and Transitivity in L2 English. *Language Learning* 51, 1, 51-106, 2001.
31. MONTRUL, Silvina. *Incomplete Acquisition in Bilingualism. Re-examining the Age Factor*. [Series on Studies in Bilingualism] Amsterdam: John Benjamins, 2008.
32. NISHIDA, Chiyo. The Spanish Reflexive Clitic *se* as an Aspectual Class Marker. *Linguistics* 32: 425-458, 1994.
33. PERLMUTTER, David. Impersonal Passives and the Unaccusative Hypothesis, 157-189: *Berkeley Linguistic Society IV*, University of California, 1978.
34. ODLIN, Terance. *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, xii + 210 pp, 1989.
35. RIBEIRO, Antonio J. C. Good-Enough comprehension of Brazilian Portuguese Reflexive Absolute Verb sentences. In: Maia, M & França, A. I. *Papers in Psycholinguistics*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2010.
36. RIBEIRO, Pablo. A alternância causativa no Português do Brasil: A distribuição do clítico *se*. *Dissertação de Mestrado*, UFRGS, 2010.

37. ROEPER, Thomas. Universal bilingualism. *Bilingualism, Language & Cognition* 2 (3), 169-186, 1999.
38. ROEPER, Thomas; AMARAL, Luiz. (in progress). *Multiple Grammars and L2 Acquisition*.
39. SORACE, Antonella. Near-nativeness. In Doughty, C. and Michael, L. *The Handbook of Second Language Acquisition*. P.130-151. Malden – MA: Blackwell Publishers, 2003.
40. SELINKER, Larry. Interlanguage. *IRAL*, 10, (3), 209-231, 1972.
41. SCHWARTZ, Bonnie; SPROUSE, Rex. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In T. Hoekstra & B. Schwartz (Eds.), *Language acquisition studies in generative grammar* (pp. 317-368). Amsterdam: John Benjamins, 1994.
42. SCHWARTZ, Bonnie; SPROUSE, Rex. L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research* 12:40-72, 1996.
43. SOUSA, Paulo. A alternância causativa no Português do Brasil: defaults num léxico gerativo. *Tese de Doutorado*, USP, 1999.
44. VANIKKA, Anna. & YOUNG-SCHOLTEN, Marta. Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In Hoekstra, T. and Schwartz, B.D., editors, *Language acquisition studies in generative grammar: papers in honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW workshops*, Philadelphia, PA: John Benjamins, 265-316, 1994.
45. WHITE, Lydia. Second Language Acquisition: From Initial to Final State. *Second Language Acquisition and Linguistic Theory* (130-155). Malden, MA: Blackwell Publishers, 2000.

APÊNDICE: FRASES UTILIZADAS NO EXPERIMENTO

- IN1 – La flecha rompió entera.
 “A flecha quebrou inteira.”
 TA1 – El chico rompió la flecha.
 “O garoto quebrou a flecha.”
 TI1 - La piedra rompió la flecha.
 “A pedra quebrou a flecha.”
 SE1 – La flecha se rompió entera.

“A flecha se quebrou inteira.”

IN2 – La red rasgó entera.

“A rede rasgou inteira.”

TA2 – La mujer rasgó la red.

“A mulher rasgou a rede.”

TI2 – La pelota rasgó la red.

“A bolsa rasgou a rede.”

SE2 – La red se rasgó entera.

“A rede se rasgou inteira.”

IN3 – Mi mano quemó entera.

“Minha mão queimou inteira.”

TA3 - La mujer quemó mi mano.

“A mulher queimou minha mão.”

TI3 – El fuego quemó mi mano.

“O fogo queimou a minha mão.”

SE3 – Mi mano se quemó entera.

“Minha mão se queimou toda.”

IN4 – La puerta abrió de repente.

“A porta abriu de repente.”

TA4 – Mi padre abrió la puerta.

“Meu pai abriu a porta.”

TI4 – El viento abrió la puerta.

“O vento abriu a porta.”

SE4 – La puerta se abrió de repente.

“A porta se abriu de repente.”

IN5 – El zapato ensució entero.

“O sapato sujou inteiro.”

TA5 - La chica ensució el zapato.

“A garota sujou o sapato.”

TI5 – El barro ensució el zapato.

“O barro sujou o sapato.”

SE5 – El zapato se ensució entero.

“O sapato se sujou inteiro.”

IN6 – El pote rajó entero.

“O pote rachou todo.”

TA6 – La mujer rajó el pote.

“A mulher rachou o pote.”

TI6 - La ola rajó el pote.

“A onda rachou o pote.”

SE6 – El pote se rajó entero.

“O pote se rachou inteiro.”

IN7 - Esa ropa lavó fácil.
“Essa roupa lavou fácil.”
TA7 – La mujer lavó la ropa.
“A mulher lavou a roupa.”
TI 7 - La lluvia lavó la ropa.
“A chuva lavou a roupa.”
SE7 – Esa ropa se lavó fácil.
“Essa roupa se lavou fácil.”

IN8 – Ese libro leyó rápido.
“Esse livro leu rápido.”
TA8 – La mujer leyó el libro.
“A mulher leu o livro.”
TI8 – El ordenador leyó el libro.
“O computador leu o livro.”
SE8 – Ese libro se leyó rápido.
“Esse livro se leu rápido.”

IN9 – La olla secó rápido.
“A panela secou rápido.”
TA9 – La mujer secó la olla.
“A mulher secou a panela.”
TI9 – El sol secó la olla.
“O sol secou a panela.”
SE9 – La olla se secó rápido.
“A panela se secou rápido.”

IN10- El fuego apagó en un instante.
“O fogo apagou em um instante.”
TA10 – El hombre apagó el fuego.
“O homem apagou o fogo.”
TI10 – La lluvia apagó el fuego.
“A chuva apagou o fogo.”
SE10 – El fuego se apagó en un instante.
“O fogo se apagou em um instante.”

IN11 – La lámpara encendió sola.
“A lâmpada acendeu sozinha.”
TA11 – El chico encendió la lámpara.
“O garoto acendeu a lâmpada.”
TI11 – El cortocircuito encendió la lámpara.
“O curto circuito acendeu a lâmpada.”
SE11 – La lámpara se encendió sola.
“A lâmpada se acendeu sozinha.”

IN12 – La comida estragó toda.
“A comida estragou toda.”

TA12 – La mujer estragó la comida.
“A mulher estragou a comida.”
TI12 – El sol estragó la comida.
“O sol estragou a comida.”
SE12 – La comida se estragó toda.
“A comida se estragou toda.”

IN13 – Esa carne cortó fácil.
“Essa carne cortou fácil.”
TA13 – La mujer cortó la carne.
“A mulher cortou a carne.”
TI13 – Ese cuchillo cortó la carne.
“Essa face cortou a carne.”
SE13 – Esa carne se cortó fácil.
“Essa carne se cortou fácil.”

IN14 – El barco hundió rápido.
“O barco afundou rápido.”
TA14 – El chico hundió el barco.
“O garoto afundou o barco.”
TI14 – La ola hundió el barco.
“A onda afundou o barco.”
SE14 – El barco se hundió rápido.
“O barco se afundou rápido.”

IN15 – La sopa enfrió deprisa.
“A sopa esfriou rápido.”
TA15 – El cocinero enfrió la sopa.
“O cozinheiro esfriou a sopa.”
TI15 – El viento enfrió la sopa.
“O vento esfriou a sopa.”
SE15 – La sopa se enfrió deprisa.
“A sopa se esfriou rápido.”

IN16 – La casa clareó toda.
“A casa clareou toda.”
TA16 – El pintor clareó la casa.
“O pintor clareou a casa.”
TI16 – El sol clareó la casa.
“O sol clareou a casa.”
SE16 – La casa se clareó toda.
“A casa se clareou toda.”

ABSTRACT: Unaccusative verbs do not form a homogeneous class concerning to the syntactic constructions in which they may appear. In this respect, there are change of state unaccusatives that alternate in transitivity (romper ‘break’), others have a suppletive causative counterpart for the transitive form (morir-matar ‘kill’), while still others do not alternate and do not have lexically unrelated counterparts (escapar ‘escape’) (Montrul, 1999). Maia (2010) documented that monolingual Brazilian Portuguese-speakers rejects unaccusative constructions with reflexive clitic pronoun ‘se’. The present study investigates change of state unaccusative verbs in Spanish’ advanced Interlanguage of Brazilian Portuguese (BP) and English native speakers. The purpose is to comprehend how native speakers of two typological distinct languages – BP and English - judges the acceptability of sentences with or without reflexive clitic ‘se’. Results suggest that BP and English (L1) learners of Spanish seem to have acquired the unaccusative morphological marker – clitic se - at this level of interlanguage. It is argued that transfer might not operate uniformly in all linguistic domains in interlanguage grammars (Schwartz and Sprouse, 1996).

KEYWORDS: argument structure; causative alternation; second language acquisition; linguistic typology; transfer.

Recebido no dia 10 de dezembro de 2011.

Aceito para publicação no dia 04 de março de 2012.